

VINCENT DEARY

Somos Assim

Pergaminho

CAPÍTULO 1

O CAMINHO BATIDO

Uma espécie de abertura, em que os temas de todo o livro são tocados. Em particular, focamo-nos no processo de construção de *formas de vida* mediante atos de repetição. Este processo é considerado no plano individual, em atos mundanos como aprender a conduzir e, numa escala mais vasta, na formação da cultura e no processo da evolução. Por fim, consideramos como o processo de fazer caminhos poderá ser fundamental para a nossa percepção do eu.

Como é o caminho aberto pela neve virgem? Há uma pessoa que vai à frente, a transpirar, a praguejar e mal conseguindo mexer os pés [...]. Cinco ou seis pessoas seguem, lado a lado, ao longo do estreito e serpenteante carreiro do primeiro homem.

VARLAM SHALAMOV¹

Estranha reciprocidade:
As circunstâncias que criamos
Com o tempo originam-nos a nós...

PHILIP LARKIN²

- I. Os urbanistas e os arquitetos paisagistas descrevem um fenómeno a que chamam «linhas de desejo naturais», ou simplesmente «linhas de desejo». O parque novo junto à minha antiga casa tinha um exemplo notável. Os projetistas do parque tinham desenhado graciosos carreiros em curva, que conduziam os peões em redor dos limites dos relvados recentemente plantados, por áleas de jovens arbustos e árvores recentemente plantadas. O público estava a ser instruído, guiado por um desvio melhorado e paisagístico. Da rua principal, havia um caminho que conduzia pelo parque até à entrada de um grande supermercado. Na verdade, o parque fora construído pelos proprietários do supermercado, instalado entre este e a estrada, para disfarçar aquele novo e disforme acréscimo comercial. O caminho descrevia um longo arco, talhando

uma cinzenta e suave faixa pela jovem e vibrante relva, levando o público a dar um passeio no seu caminho de ida e vinda do supermercado, incitando-o a parar e a cheirar as rosas. O que evidentemente não fizemos. Carregados de desejo para lá e de sacos para cá, optámos pela conveniência em vez do desvio prescrito. Votámos com os nossos pés. Gradualmente, surgiu um caminho de pé posto pela relva, ligando os extremos da curva como a corda de um arco. Com o uso, aquela linha ganhou definição, perdeu a verdura. Cedo se tornou num sólido caminho batido, uma linha retesada e vigorosa, inscrita pelo desejo e pela necessidade. Na realidade, podia dizer-se que aquele caminho era o registo de uma decisão pública e não apenas o registo mas uma nova sugestão, uma nova instrução, uma nova forma de resolver o problema de ir e vir às lojas, que se confrontava com o ditame oficial.

- II. Assim, o desejo pode inscrever-se na paisagem, fazer uma grande marca. Ninguém o planeou e ninguém o sancionou, mas mesmo assim aconteceu aquela marca no mundo. O desejo em massa exprimiu-se. De certa forma, não há nada de notável neste processo. Todos os caminhos que conduzem daqui até ali, todos os lugares que ligam, são todos formações de desejo. A questão política seria decidir de quem é o desejo – *cui bono?* –, quem acabaria por beneficiar com esta formação em particular? No caso do parque, o caminho é notável precisamente por ser uma demonstração tão anárquica, embora, ao mesmo tempo, fale também de uma urgência de rebanho para se precipitar na pastagem do comércio. Os carneiros também traçam linhas de desejo até às suas gamelas. As avenidas oficiais e os caminhos do jardim do nosso mundo premeditadamente construído representam o oposto polar, po-

lítico, desta grosseira formação do rebanho. Mas consideremos este mito urbano da linha do desejo, uma fábula da melhor das práticas do planeamento urbano: acabou de construir-se o *campus* de uma universidade americana. Os seus edifícios estão espalhados por uma vasta área, de modo que terão de traçar-se caminhos entre eles. Em vez de estabelecerem ou de tentarem prever os caminhos pelos quais o público desejará ir, os projetistas decidem registá-los primeiro. Semeiam o *campus* com novos relvados, sem caminhos, e deixam os estudantes à solta. No início do ano seguinte, os carreiros do desejo natural estão desenhados. Apenas então são pavimentados e a sua anárquica espontaneidade é registada em pedra. E talvez isto esteja mais próximo de como o mundo foi feito, uma estranha reciprocidade entre as forças do desejo humano natural e as forças encarregadas de dominar e conter a sua expressão, dando-lhe forma. Na infância de qualquer cultura terão existido primeiros passos em que o desejo e a necessidade terão esboçado a sua rudimentar forma na paisagem. Esta forma, por seu lado, dirige o desejo posterior como o leito de um rio faz à água. Os sulcos batidos tornam-se cada vez mais substanciais e atraentes e os movimentos do coletivo, conseqüentemente, tornam-se mais coerentes. O agir humano deliberado – a decisão de na verdade construir o caminho, ou em vez disso adotar a via do uso comum – não precisa de entrar no processo senão já bastante mais tarde.

- III. O que está aqui em jogo é a dialética da força e da forma. A pura força das compulsões humanas, as faltas e as necessidades que nos fazem mover – a fome, a raiva, o sexo, o conforto, a curiosidade – são traduzidas em movimentos e ações. Estes movimentos e ações não são arbitrá-

rios – alguns são mais eficientes na satisfação das nossas necessidades do que outros. Eis uma amostra aleatória: algumas rotas comerciais são mais lucrativas; o rio é de mais fácil acesso em determinado ponto para navegar ou pescar; há uma estrada «melhor» para uma aldeia vizinha. Assim, certos movimentos e ações serão mais repetidos do que outros e, com essa repetição, ficarão estabelecidos e transformar-se-ão em rotinas. Estas rotinas, estas formações rudimentares de desejo, começarão a deixar marcas, exprimindo-se como caminhos ou mesmo como histórias acerca da melhor maneira de os construir. Estas marcas – estas formas semipermanentes, estas manifestações tangíveis de desejo – são aquilo a que chamamos «cultura».

- IV. Em *La Rabbia* [«A raiva»], e nos seus filmes em geral, o poeta e realizador cinematográfico italiano Pier Paolo Pasolini estava constantemente a tentar descobrir como seria a Terra antes de ser assoberbada pelas marcas do desejo. É como querer ver o manto da neve matutina por baixo da lama da hora do almoço. Esta questão percorre o trabalho de Pasolini: como *seríamos* se não fôssemos invadidos pela cultura, por aquilo a que no filme ele chama «as velhas e sangrentas estradas da Terra»? Pasolini realizou uma curta-metragem acerca da sua procura de locais para rodar *O Evangelho Segundo São Mateus*, constituindo este um relato luminosamente simples da narrativa evangélica. No filme, vemo-lo a ele e um padre a visitarem a Igreja de Cristo em Jerusalém. Pasolini fica impressionado com a forma como a magnificência do templo contrasta com a humilde rocha sobre a qual foi alicerçado; como a grandiosa arquitetura da cristandade foi estabelecida sobre uma fundação de humildade e simplicidade. Estávamos em 1964 e Pasolini, marxista e ateu, fora preso por causa de um filme que fizera

poucos anos antes, acerca de um homem pobre que morre numa cruz num cenário que retrata a Crucificação. A Igreja católica não gostara daquela analogia entre o subproletariado e Cristo e acusara Pasolini de blasfêmia. Portanto, o artista foi cauteloso. Na sua preparação desta nova vida cinematográfica de Cristo, decidiu consultar um especialista do Vaticano acerca das suas intenções, antes de começar a filmar. A sua pergunta ao Vaticano era a seguinte: poderia dismantelar o edifício da cristandade e mostrar a humilde rocha na qual fora edificada? Ou pelo menos tentar? «Posso fazer isto», pergunta ao sacerdote, quando estão junto ao templo, «posso deitar abaixo o templo, posso mostrar a luminosa, simples e humilde verdade, *antes* de ter sido invadida, assoberbada por toda esta grandiosidade?» «Sim», diz o padre, «podes. Tens permissão».

- V. Tal como esse outro poeta visionário, Rimbaud, Pasolini desconfiava da nossa despreocupada herança das linhas do desejo que todos os dias percorremos – essas velhas e sangrentas estradas da Terra. O futuro não é invocado do nada. O futuro é o passado renovado, com os seus caminhos consolidados, embelezados, reinscritos com mão cada vez mais firme. O presente é uma espécie de memorial do passado, ao mesmo tempo um monumento vivo que preserva a sua memória e um peso morto que a obscurece. O presente tanto preserva como apaga. Os pais sabem-no, tal como qualquer pessoa que tenha visto algo a crescer. Cada nova versão eclipsa as anteriores: a criança de cinco anos obscurece a de quatro, o adolescente apaga o miúdo, mas preserva também uma essência que acreditamos ver a florescer e a amadurecer perante nós. O rosto mais definido, os gestos mais seguros, a voz mais forte. O presente é como o passado mais uma vez, com sentimento.

VI. O templo pagão, depois a igreja e agora a sala de ioga e meditação: as nossas comunhões espirituais têm registado a tendência para ocorrer nos mesmos locais, nas mesmas áreas de terra consagrada. Como com Deus, também com Mamona. O dinheiro tende a ficar quieto. Veja-se como as áreas comerciais das cidades são continuamente renovadas. Os avanços mais recentes nas infraestruturas e *design* acorrem ao dinheiro como tributos a um monarca, com o avanço das tecnologias desencadeado pelo desejo de aplacar e facilitar a vida do dinheiro. Mas embora estas partes do corpo cívico, estas áreas citadinas possam ser as mais absolutamente modernas e brilhantes e novas, são também as mais antigas e as mais bem estabelecidas. Na verdade, é precisamente o tempo decorrido desde que foram instituídas que assegura o seu funcionamento sem sobressaltos. Os caminhos do dinheiro estão bem vincados e são constantemente tratados. «Sob a calçada, a praia!», dizia o velho *slogan* do Maio de 68, recordando-nos, como fizeram Pasolini e Rimbaud, que havia um *antes* de toda esta construção, de toda esta aculturação, pelas quais passámos como povo e como indivíduos. Por baixo do pavimento há uma estrada bem estabelecida; por baixo dela, um caminho; por baixo dele, um carreiro; e, por baixo do carreiro, um caminho de pé posto. Por baixo do pavimento há um desejo de movimento escrito no solo.

VII. É interessante ver as novas tecnologias em funcionamento. Consideremos a forma como toda uma rede de caminhos foi estabelecida pela Internet e a forma como os velhos desejos são reglorificados nesta nova terra. Bisbilhotice e sexo, dinheiro e violência, desejo e desejo de comunhão, todas as velhas ânsias trilham novos caminhos eletrónicos.

VIII. É preciso muito para apagar os traços do desejo. Pense-se nos bairros *gays* das grandes cidades. Estes eram outrora os terrenos de passagem de furtivos criminosos, covis camuflados dos fora-da-lei. Mas persistiram durante anos nos mesmos locais até, por enquanto, a lei ter consentido em legitimar este desejo particular e ele se ter tornado gradualmente visível. Agora, podem comprar-se mapas *gays*. Quantas vidas não teriam esses mapas alterado não há assim tantos anos, quando quase ninguém sabia que tais exóticas terras existiam? Pense-se em todas as geografias codificadas, ainda secretas, nas correntes subterrâneas, marginais ou ilegais que têm de atravessar as nossas terras. Desde as drogas à franco-maçonaria, desde os fãs do Elvis até aos promíscuos e exibicionistas, todo o desejo terá o seu mapa, deixando as suas marcas para aqueles que as sabem ler, que as sabem descobrir. É preciso uma verdadeira destruição para apagar os traços do desejo. A Terra também tem os seus hábitos.

IX. Dentro em breve, vou aprender a conduzir. Imagino as partes do meu corpo que se dedicarão a conduzir como um campo de neve virgem, uma paisagem ainda não marcada pelo desejo. Envolverá esforço, a princípio um esforço voluntário e consciente. É o que acontece sempre com os primeiros passos. Terão de ser aprendidas sequências de ações, combinações de rotinas e coordenações de movimentos musculares grosso e finos, com todo um novo conjunto de processos sensoriais e intelectuais. De início, terei de pensar muito, de refletir. Os meus movimentos serão muito atentos, desajeitados e bruscos; enquanto forem pensados, serão maus. Só depois de os trilhos internos terem sido pisados e repisados, uma e outra vez – pura repetição – apenas mediante este esfor-

ço, voluntário e deliberado e atento e muscular, de suar e praguejar e da dolorosa e desajeitada repetição, só depois disto, só então me tornarei bom, quando tudo começar a ser sem esforço, impensado, inconsciente, automático. Mal posso esperar.

- X. «Um passeio pelo parque»* é sinónimo de facilidade porque o parque sabe caminhar. Fá-lo por nós. Um bom parque antecipa o nosso desejo. O desejo antecipado é a chave para o lazer. Há pessoas que têm sido pagas e muito dinheiro tem sido gasto para descobrir o que iremos querer fazer. Preocupam-se para que nós não tenhamos de o fazer. O bom hotel, o parque temático, o salão de jogos, o bar, o cinema – todos nos aliviam a consciência do fardo de nos preocuparmos com o que havemos de fazer a seguir. Pense naqueles primeiros difíceis dias com uma coisa nova – um computador ou um telemóvel, uma guitarra ou um carro, ou uma relação com a qual se sente agora confortável. Aprender os movimentos corretos, o que significam, como os fazer, quando os fazer, o que não fazer, onde fazer, repetindo e ensaiando, experimentando e errando: «A pose e a graça e a segurança não eram qualidades que me fossem inatas, mas coisas que tinha de adquirir, talvez dolorosamente, e vagarosamente, custando-me muitos momentos amargos.»³ Queremos passar a correr pelos nossos momentos amargos, até um local de facilidade e alívio, queremos ser já velhos conhecidos desta coisa nova, mas andar a correr não resulta. Apenas o tempo e a repetição trazem a facilidade. Então, torna-se uma segunda natureza, um passeio pelo parque.

* Tradução da expressão inglesa, não utilizada em português, *a walk in the park*. (N. do R.)

XI. *Uma segunda natureza**. Uma frase reveladora – então, qual é a *primeira*, o que surge naturalmente? Muita coisa. Parece que a neve não é afinal de contas assim tão virgem, pois há uma série de rotinas já estabelecidas como padrões. As velhas e sangrentas estradas da terra estão gravadas no nosso interior. A vasta e imbricada arquitetura do seu cérebro e dos seus nervos está à espera do mundo e tem um forte pressentimento de como será exatamente esse mundo – à espera do tempo, à espera do espaço, pronta para a linguagem, antecipando o movimento e as outras pessoas, preparada para o sexo e para a violência, para o medo e para o ódio. Da mesma forma que os jardins e as cidades são registos públicos de milénios de resoluções de problemas, de desejo facilitado ao ponto de se tornar fácil, o leitor é o repositório de milhões de anos de pensamento muito esforçado sobre este mundo. Você já conhece o mundo, como os seus pulmões conhecem o ar e os seus rins conhecem a água. O peso e a configuração do mundo determinaram o peso e a forma do leitor, a sua luz exigiu os seus olhos, os seus ruídos clamaram pelos seus ouvidos, a sua comida e água moldou a sua boca, dentes e entranhas, a sua terra e raízes e ramos formaram as mãos preênsais. Você, o caminho mais recente e mais curto entre o desejo e a realização, é mais intricadamente atravessado por padrões e atalhos do que o mundo inteiro. Imagine as primeiras tentativas por causa da fome, a matéria a manter desesperadamente a sua estrutura roubando outra matéria, as agitações elementares, a pré-história da fome. Estruturas moleculares desajeitadas e primitivas conseguindo apenas canibalizar a Terra, mantendo-se e repetindo-se a si próprias. Imagine

* Tradução da expressão inglesa *second nature*, que designa uma tendência ou hábito que se tornou característico ou instintivo. (N. do R.)

os primeiros passos da fome, os movimentos primordiais do desejo, o começo da vida. Veja como se saíram bem. Veja como agora somos bons a comer, a manter e a reproduzir a integridade de uma estrutura espantosamente complexa, sem sequer pensarmos nisso. Apenas sabemos. Você foi feito para este mundo, por este mundo, deste mundo. É o registo, a encarnação do contínuo desejo da vida, escrito por uma minúscula mão molecular, transcrito e traduzido na carne, provindo do pó e da água. O conhecimento de mil milhões de anos a viver neste mundo está registado no seu interior, é o que você *é*. Você é o último modelo, a experiência mais recente da vida.

XII. O mundo corre-nos nas veias. A fome dentro de nós tem mil milhões de anos. Há vislumbres desta antiguidade em nós. Temos pequenas intuições a seu respeito quando ouvimos expressões como «cérebro reptiliano», ou quando lemos acerca de como somos apenas um veículo para os nossos genes, que já cá andam há mil milhões de anos. Partes significativas de nós têm mesmo milhares de milhões de anos de idade. A ciência tenta sublinhar algo que é apenas um facto, mas tem também de lutar para nos fazer *sentir* esse peso dos anos que levou até que se atingisse o ponto em que uns baldes de água e um saco de terra se tornassem nesse «eu» que aqui e agora, alegremente lê, vira as páginas, esta terra feita carne, esta carne viva com visão e razão, esta carne pensante conjurada do pó. Foi necessária essa quantidade de esforço durante essa quantidade de tempo para se chegar ao ponto em que há um bocado de barro que consegue «ver» e «sentir» e «saber» e «pensar». E que consegue fazê-lo com uma tal ausência de esforço. Esta facilidade, a naturalidade atual deste mecanismo, as nossas mãos que se movem para onde quere-

mos, mesmo antes de lhes termos pedido, sabendo elas o que hão de fazer. Levou muito tempo, foi preciso aprender muito, muito mais do que apenas um período de vida, para nos tornarmos *tão* bons. Que idade tem a vida? Foi o tempo que você levou a aprender a ler e a virar as páginas.

XIII. As primeiras agitações da vida, a primeira *resposta*, a primeira repetição de um gesto elementar dirigido ao mundo como desejo, a primeira fome de persistir. Os primeiros passos no caminho da vida. Consegue imaginar?

A escuridão e o disfarce são as características dominantes do tempo primordial. Toda a vida surge e se desenvolve inicialmente de noite; por esta razão, os antigos chamavam à noite a fértil mãe de todas as coisas e na verdade, juntamente com o caos, eram os mais velhos dos seres⁴.

XIV. *Olhar para Trás*. A psicanalista Melanie Klein tentou imaginar o nosso começo com maior afínco do que a maioria, tentou retratar o começo dos nossos eus, a pré-história do eu. Encheu-a de monstros. Nem eu nem não-eu, apenas – merda raiva mamas medo pila leite inveja – um desarrazoado conglomerado de partes e forças, como aqueles tumores tipo feto feitos de dentes e cabelo. Para Jacques Lacan, outro psicanalista, há um corpo aos bocados, membros desgarrados lutando para formar um todo. Agora, os cientistas que tentam descortinar aquilo que um bebé sabe, a que ponto o mundo está já contido dentro de nós, à espera de ser desvelado, falam de reconhecimento facial, de constância dos objetos, de reconhecimento da linguagem; e ainda de partes e de forças, de bocados e de peças, sem terem ideia daquilo que as liga, do que é ser aquela massa incoerente de coisas que todos fomos outrora. Ao

olharmos para trás, não nos vemos a começar nessa altura, pois parece termos começado a ser muito mais tarde. As nossas primeiras recordações são de coisas exteriores, de coisas mundanas que acontecem, num mundo de circunstância, a este eu que está aqui, a este pequeno ser. Os nossos verdadeiros inícios estão velados pela escuridão. Abaixo da ordem coerente do mundo racional, antes da luz da razão e da razoabilidade que ilumina o mundo para onde quer que olhemos, por baixo deste mundo familiar, o que há? Os cientistas e os analistas apenas podem intuir, adivinhar ou fantasiar, mas parece concordarem no seguinte: por baixo da atual coerência, há um tempo de caos. A nossa sensação de continuidade, esta coerência que raramente nos oferece pretextos para a questionar, quanto mais reparar nela, teve de ser formada, a ordem teve de ser imposta, a coerência, cultivada, o sentido, adquirido. Não havia eu para o fazer, pois o eu é o resultado. Em determinado ponto, o eu que você e eu somos começou a formar o mundo de vida que respira que agora habitamos; a determinado momento, este mundo começou a formar um eu, esta estranha reciprocidade originou-nos. Com que tumultuosas energias devemos ter lutado para as domar e domesticar, com que hedionda força ligámos e formámos essas forças primordiais que também *éramos* nós, erguendo-nos sozinhos de dentro do turbilhão para o começo da coerência e da ordem? Para o começo. Como começamos? De onde partimos?

XV. O início é sempre obscuro. Os primeiros passos são apagados por todos os seguintes, com o sussurro dos nossos começos a persistirem, mas indiscerníveis sob o clamor do nosso atual ser. Mas podemos dizer algo a seu respeito. Podemos amarrá-lo – e regressarmos onde começámos –

com linhas de desejo. Essas forças primordiais que constituem o clima da nossa vida individual antes da aurora, essas forças tomaram forma mediante uma repetição consistente, pelo estabelecimento e da manutenção das rotinas. A palavra «rotina» deriva de «rota», derivando essa de *rupta via*, o que significa uma estrada aberta à força, um caminho forçado e batido.

XVI. Se continuarmos a fazer a mesma coisa acabaremos por formar um caminho, por estabelecer uma forma com consistência, recorte e coerência. Forma-se uma via e começa o eu. Das forças impessoais, do id, começa a formar-se um eu. Ao aprendermos a conduzir, a andar, a ver ou a falar, no nosso próprio ser, somos uma maciça coleção de caminhos e rotinas que se interpenetram, traçados pela repetição; cada um de nós é uma paisagem, moldada pelos repetidos padrões de força e formada pelo desejo.

Notas

- 1 Varlam Shalamov, *Kolyma Tales* (1980; Penguin Books, 1994).
- 2 Philip Larkin, «The daily things we do», escrito em fevereiro de 1979, *Collected Poems* (Faber & Faber, 1988).
- 3 A heroína sem nome de *Rebeca*, de Daphne du Maurier, lutando para se sentir à vontade entre as classes superiores.
- 4 F. W. J. Schelling, *The Ages of the World* (1811-1815; Columbia University Press, 1967).